



# REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁ- FICO DE SÃO PAULO

FUNDADO EM 1.º DE  
NOVEMBRO DE 1894

## VOLUME XL

- S** O COLÉGIO DE ITÚ DO MEU TEMPO — *José Torres de Oliveira.*  
A ACLAMAÇÃO DE AMADOR BUENO E A CONTROVÉRSIA A ESSE RESPEITO  
— *Afonso de E. Taunay.*
- U** A ACLAMAÇÃO DE AMADOR BUENO — *Alfredo Ellis Júnior.*  
AMADOR BUENO, ESTADISTA COLONIAL — *Aureliano Leite.*
- M** PEDRO II E A CAMPANHA DA MAIORIDADE — *Cristovão de Camargo.*  
HEITOR PAIS E OS HISTORIADORES DA ANTIGA ROMA — *Francisco*  
*Isoldi.*
- À** AMPARO (RESUMO HISTÓRICO) — *Bernardino de Campos.*  
COLOMBO. ENSAIOS DE COLONIZAÇÃO — *Júlio Cesar de Faria.*
- R** A CONVEÇÃO DE ITÚ E A PROPAGANDA REPUBLICANA EM S. PAULO —  
*Fausto de Almeida Prado Penteado.*  
CENTENÁRIO DO DR. GUMBLETON DAUNT — *Edmur de Sousa Queiroz.*  
PORTUGAL E A CIVILIZAÇÃO — *Tito Lívio Ferreira.*
- I** O MAPA DA LINHA VERDE E A QUESTÃO ACREANA — *Luiz Filipe de*  
*Castilhos Goicocheia.*  
O MONUMENTO A AMÉRICO VESPUCCI — *Eduardo Jacobina.*  
DR. JOÃO DABNEY DE AVELAR BROTERO (Dados biográficos) —  
*Frederico de Barros Brotero.*
- O** ✓ A CATEQUESE DOS ÍNDIOS BOROROS NOS SERTÕES DE MATO-GROSSO —  
*Padre Antônio Colbacchini.* 295  
✓ TAPIRAPÉS, "CHAVE" DO RONCADOR — *Roberto C. Pompílio.*  
✓ BAURÚ — UM DOCUMENTO INTERESSANTE — *Antônio de Almeida*  
*Cintra.* 315  
— OS ÍNDIOS GUAIIACÍS OU ATCHÊS — *Paulo Maybach.*  
REMINISCÊNCIAS DO DISTRITO DE CAMPINAS EM BAIRRO, FREGUESIA  
E VILA — *Dr. Ricardo Gumbleton Daunt.*  
BANDEIRANTES NO OCIDENTE — *Cônego Luiz Castanho de Almeida.*  
LISTA DA VILA DE TAUBATÉ QUE CONTEM 3.546 PESSOAS (ANO DE  
1765) — *Benedito Marcondes.*  
ÉLOGIOS HISTÓRICOS (1919-1924) — *Eugênio Egas.*  
INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SÃO PAULO. — *Necrológios,*  
*relatório, cadastro social e atas, relativos ao ano de 1940.* —  
*Balancete de 1939.*

## OS ÍNDIOS GUAIAACÍS OU ATCHÉS

Recortes do meu Diário

PAULO MAYBACH

A primeira vez que o mundo civilizado soube da existência dos Índios Atchés, foi em 1692, quando o Jesuita P. Sepp, de sua redução Yapeyuá escreveu ao superior que: "tiene unos Indianos ce viven en los montes y ce son mui peligrosos, porcé unos comen los otros, y viven siempre como los animales, y ce no tomen los S.S. sacramientos, y ce a si mismo llaman Atché. Ya mandé mis hombres al monte y ce fueran muertos en combate con los Atchés, los cuales fueran comidos por los selvagens". No correr dos anos, vários cientistas e sertanistas procuraram desvendar o segredo que cobre estes selvícolas. As informações que estes homens transmitiram ao mundo civilizado, pecaram pela falta de exatidão. Conta por exemplo o Dr. Bertoni, que poudé aproximar-se aos Atchés, e que poudé observar, por meio dum telescópio a vida destes índios, em suas aldeias. O Etnólogo alemão, Ch. Seifert, tendo chefiado uma comissão de estudos, financiada pelo Instituto de Ciências Naturais, em Leipzig (Alemanha), que percorreu a bacia do rio Paraná, diz em seu livro: *Indianer-Forschung* (Pesquisas sobre Índios) que os Atchés são os índios que têm mais perfeita organização social. Em outro trecho cita a organização da família destes selvícolas, traçando romances de amor, todos cor-de-rosa. Fala ele dum povo altivo, de estatura alta e de tez levemente bronzada. Por esta descrição devo julgar que, ou o sr. Ch. Seifert, assim como o Dr. Bertoni, nunca viram um índio Atché, ou propositalmente quiseram lesar a verdade sobre estes índios, porque minhas próprias observações me levaram, durante o longo tempo que viví entre estes índios, observar justamente o contrário, do que afirmam os acima citados cientistas.

Seguem algumas pequenas extrações do meu diário:

Em agosto de 1933, atravessei o rio Uruguai, a uns 300 kms. acima de São Xavier, à pesquisa de plantas medicinais. Seguí sempre nas margens do rio Chafariz, afluente do Uruguai. No

décimo dia, no meio da serra de São José, encontrei inesperadamente vestígios de índios, um acampamento recém-abandonado, ainda com o fogo aceso. Estranhei de não encontrar índios, pois as tribus, que até então conhecia, não fugiam do contacto com o homem branco, mas pelo contrário, o procuravam. Procurei pelos rastros a direção que eles tinham tomado, e concluí, pelo zigue-zague dos mesmos, que os índios tentavam iludir-me. Se inicialmente não estranhei a presença de índios, pois estou acostumado a encontrar selvagens em minhas viagens pelos sertões, despertou a estranha atitude destes, minha curiosidade, e resolvi descobrir a que tribu ou povo pertencem. Procurei durante três dias, e cruzei o mato em diversas direções, sem encontrar mais o mínimo vestígio dos Bugres. A falta de víveres e outros materiais obrigou-me a desistir para o momento de minha intenção, e retirei-me para as margens do Uruguai, onde tinha meu acampamento efetivo. Munido do necessário para uma longa marcha, acompanhado por dois caboclos, Antônio e Leandro, pus-me a procurar novamente o grupo de índios. Ao cabo de 12 dias encontramos vestígios recentes de Bugres, e como meu peão Antônio era mestiço guaraní e afamado caçador, nutri a esperança de encontrar em pouco tempo os fugitivos. Contrariamente a outros índios, estes sempre fugiam à nossa aproximação, e resolvi então usar de violência, se de outro modo não fosse possível entrar em contacto de forma mais viável. Já tínhamos caminhado 18 dias sempre para o norte, e já estávamos em território brasileiro, pois já tínhamos atravessado o Rio Peperiguassú, quando, estando nós no cume d'uma cordilheira, ouvimos batidas de machado, e Antônio logo percebeu que estas eram de machado de pedra. Avançamos cautelosamente e na baixada, repentinamente encontramos um grupo de índios, que se denunciavam pela fumaça de seu fogo e os murmúrios. Combinei então o plano de ataque com meus companheiros, mas tive de esperar até à madrugada, pois a noite já tinha caído sobre a selva. Retiramo-nos algumas centenas de metros, e esperamos o amanhecer. A noite era clara, era véspera de lua cheia, e sobre nós se estendia, como um manto protetor, a vegetação. Deitados, com as bocas encostadas no chão, sem proferir uma só palavra, esperamos pacientemente o clarear do dia. A noite era calma, e o silêncio só interrompido de vez em quando pelo choroso grito de uma coruja, ou o cricriar dos grilos. Sentia eu dentro de mim uma sensação esquisita de alegria, talvez porque estava em vésperas de descobrir o grande segredo dum povo, até então ainda não conhecido. O homem que vive

muitos anos em estreito contacto com a natureza, tem uma percepção dos acontecimentos, que o homem dos grandes centros civilizados não possui. Sente uma coisa, que é inexplicável, sabe quando o espera um perigo ou uma alegria. Pois eu sentia alegria, apesar da perigosa situação em que nos achávamos, em frente d'alguma coisa desconhecida. Os primeiros pássaros se mexiam e a Estrela "darve", como o caboclo chama a Venus, vinha apontando sobre a serra. Julguei o momento oportuno, para atacarmos o acampamento. Cautelosamente aproximamo-nos, e, caminhando sobre uma palmeira derrubada pelos índios no dia anterior, conseguimos à distância de uns dez metros dos selvagens, que dormiam a sono solto, e já podíamos ouvir as respirações dos índios que dormiam. De repente um silvo, que tanto eu conhecia, e uma flecha se cravou a meus pés. Dei então o sinal de avançar, detonando um revolver, e correndo, tropeçando, e caindo saltamos para o acampamento, Antônio, que chegou primeiro, tinha agarrado uma menina pequena. Leandro travou luta com uma mulher, que procurou entrar pelo taquaral a dentro, arrastando consigo o furioso Leandro. De homens nem o menor vestígio. Intervim, e conseguimos trazer a mulher, ainda jovem e robusta, para o meio do acampamento. Era esta de estatura baixa, de mais ou menos 18 a 20 anos de idade, e mãe da menina, que Antônio segurava pelos braços. Procurei fazer-me compreender em guaraní e em outros dialetos indígenas, mas a mulher não me compreendia. Por meio de sinais conseguimos que ela chamasse seus companheiros. Apareceu então mais um menino de seus 12 anos, e ouvimos o gemido dum homem, atrás duma moita de taquara. Deixei meus companheiros e procurei atrás duma grande árvore, onde encontrei um índio, que tinha a perna fraturada, no terço superior do fêmur. Era este homem de estatura baixa, medindo apenas 1 m. 58 cms., de cor escura, cabelos muito duros, e exalava um cheiro desagradável, proveniente dum suco de planta, com que se tinha untado. A custo soube que foi ele que tinha atirado a flecha, julgando que alguma fera tivesse rodeado o acampamento. Quando eu detonei o tiro, ele tinha procurado esconder-se na mata, ficando com o pé esquerdo preso entre duas raízes, o que ocasionou a fratura. Soube que seus companheiros, em número de três, conseguiram escapar. Mandei, depois de ter feito o primeiro curativo, que meus peões levassem o índio, até à margem do rio Peperiguassú, onde construímos uma jangada, que nos facilitou alcançar no sexto dia meu acampamento. Só chegamos lá com o índio e o menino, pois a mulher, aproveitando um momento de descuido, já na primeira noite tinha se evadido, levando consigo

a menina. Enquanto eu tratava a perna do Bugre, este e o menino, me ensinaram a língua atché, e após poucas semanas, restabelecido meu cliente, novamente excursionei, acompanhado pelos dois índios, para o sertão do vale do Paraná, desta vez entrando em contacto definitivo com os Atchés, entre os quais permaneci durante quase cinco anos. Esta segunda excursão não deixa de ter seus detalhes e episódios interessantes. Soube pelo Caya-mini-gy (gato-do-mato) como se chamava o índio, que o povo dos Atchés não vive em aldeias, mas sim em pequenos grupos nômades, sempre no sertão mais cerrado, procurando evitar o mais possível o contacto com outros índios, e especialmente os Guaranís, que são seus mais ferozes inimigos. Tudo isto pude mais tarde verificar por minhas próprias observações. Observei que os Atchés existem em toda a bacia do Alto Paraná, tanto em territórios brasileiros como argentinos e paraguaios, e vêm povoando este sertão, até o rio Ivenheima, no Estado do Paraná. Além destes, ainda completamente selvagens, existem na referida zona outras tribus, já semi-cultivadas. Em fins de outubro de 1933, depois de ter-me fornecido de tudo o mais necessário, acompanhado por Caya-mini-gy e o menino, que, como não tinha nome, eu chamei de Rodolfo, iniciei minha segunda excursão. Levei comigo uma barraca, uma vitrola, cobertores, uma dúzia de gaitas de boca, uma caixa com colares de vidro, uma dúzia de espelhos, e mais uma infinidade de objetos pequenos para presentes, assim como bastante material fotográfico, e para meu uso, algumas conservas e sal. Assim supercarregados, marchamos pelo sertão a dentro, e no terceiro dia assistí à primeira aventura. Estávamos acampados à beira dum riacho, quando Caya-mini-gy e Rodolfo de-repente se levantaram e segundo fortemente o ar pelas narinas, deram sinais de alegria. Imediatamente Caya-mini-gy afastou-se, e ao cabo de duas horas, já noite escura, voltou acompanhado por uma mulher. Esta estava coberta por todo o corpo por uma espessa camada de barro. O índio então contou-me, que, tendo farejado a presença de Atchés, foi procurá-los, e que encontrou um grupo deles, os quais convidou para acompanhá-lo. Cépticos e desconfiados, como são por natureza, eles não quiseram segui-lo, mas, contou-me ele, ao menos conseguí roubar a mulher de Cary-gy. Era a índia um verdadeiro montão de barro, pois tinha ela tomado um banho à moda atché, isto é rolado num barreiro. À minha pergunta, se o Cary-gy não vem reclamar os seus direitos sobre a mulher, respondeu-me que, quando aquele encontra um pau podre no mato, que contenha bastante Coró (Larvas), a mulher de algum outro, menos felizardo, irá viver com ele. Se meu companheiro

ENTRE OS ATCHÉS



320

ficou contente com a posse da mulher, não menos o fiquei eu, pois já éramos três, para levar a carga, e a mulher, Cary-gy (Tatú) representava para meus ombros um grande alívio, visto o menino ser fraco, para carregar grande peso. Assim marchamos mais dois dias, até encontrarmos um riacho em terreno mais ou menos plano, e que me parecia ser o lugar próprio, para levantar meu acampamento. Depois de levantada a barraca, e instalado mais ou menos comodamente, fiz tocar ininterruptamente a vitrola. O efeito foi satisfatório, e já no segundo dia apareceram alguns índios, atraídos pela música. Presenteei-os com espelinhos, sal, e outros objetos, e já após uma semana, estive rodeado por nada menos de 200 Atchés, entre homens, mulheres e crianças. Mandei então o Caya-mini-gy, que tinha aprendido o uso de roupas, acompanhado por mais três índios, buscar no meu acampamento na beira do Uruguai, as poucas ferramentas que lá tinha. Os índios não usavam roupas, nem ao menos tangas. Eram completamente nus, e só pareciam vestidos após terem tomado seu banho de barro. As mulheres eram objeto de caça, e algumas de empréstimo. Vi índios pedir a mulher do outro emprestada, como nós pedimos um guarda-chuva a um amigo. Os filhos não conheciam seus pais, pois estes, ou melhor, a mãe, tratava do filho, até que este por si pudesse procurar os alimentos, abandonando-os então. As crianças de ambos os sexos viviam sem dar incômodo aos pais, e alcançando as meninas a idade de mais ou menos 9 para 10 anos, algum índio se apossava dela, vivendo matrimonialmente com ela, até que outro, mais forte ou mais astuto, a tomava para si. Usavam como armas, arcos e flechas e macetas. Eram exímios atiradores de flechas, e na distância de 50 passos, acertavam infalivelmente um alvo do tamanho duma pequena moeda. Com o regresso de Caya-mini-gy, ensinei-lhe o uso de ferramentas, e fiquei estupefato como aprendiam com tanta facilidade. Fí-los derrubar o mato em redor do meu acampamento, e em pouco tempo já construíam pequenas cabanas, se bem que não as ocupassem para morar e que mesmo nas noites tempestuosas passassem dormindo debaixo das árvores. Se bem que eu não tivesse nenhum auxílio, conseguí pouco a pouco comprar ferramentas, panelas, roupas, sementes e outras cousas, e os índios, depois de dois anos plantavam e usavam roupas, e o que é mais importante, constituíam família. Infelizmente, quando já meus amigos estiveram em franco progresso, numa época em que estive ausente, alguns indivíduos brancos acharam aquela comunidade ideal, ensinando-lhes o uso do álcool, contaminando-os com doenças venéreas, e hoje talvez não haja mais um único Atché que não esteja



doente ou perdido pelo alcool. Quando a última vez estive na minha concentração, que denominei Felizópolis, só encontrei ainda alguns índios, e estes mesmos. doentes.

Trouxe-os para o Brasil, onde, na margem esquerda do rio Uruguai, onde possuo pequena propriedade, os instalei. Hoje, apenas dois anos em contacto com a civilização, eles falam regularmente o português, moram em casinhas construídas por eles, usam roupas e trabalham na agricultura. Uma menina, que hoje deve estar com 8 anos, fala alemão do português, o alemão que minha senhora ensinou. **Na proximidade, isto é a uns 30 kls. dali existe uma tribo de Guaicís, já bastante civilizados, e os meus Atchés já entraram em contacto com aqueles. Receiando que meus índios se misturem com outras raças, indígenas ou mesmo com brancos, e pretendendo eu manter alguns indivíduos desta raça, puros, mandei construir uma casa bem grande, onde concentrei meu índios. Entre os Guaiacís vivem diversos indivíduos brancos. Conheço, entre estes, um bacharel em ciências jurídicas e sociais, um judeu alemão, que ainda em 1922 era assistente jurídico, junto à Sociedade das Nações, em Genebra. Este vive hoje misturado com os índios, e jogou de si a civilização e toda cultura. Vive constantemente embriagado, rodeado por 3 ou 4 índias. Além deste, outros brancos, na maior parte, indivíduos criminosos refugiados, levam aos índios os males da civilização, a embriaguez, a mentira, o jogo e muito especialmente as doenças venéreas. Nosso índio brasileiro, sendo bem guiado, torna-se em pouco tempo um membro útil à sociedade, mas em contacto com indivíduos da tèmpera dos acima citados, ele desaparecerá em breve, e nos próximos tratados sobre a História natural do Brasil, os historiadores terão de escrever, que: há anos viviam nos sertões brasileiros, diversas tribus de índios. — Os governos da América do Norte, México, Chile Venezuela e outros, formaram, ou melhor, designaram certas regiões de seus territórios, como parques nacionais, mantendo naquelas regiões, tribus de índios em seu estado natural, e creio que o Brasil devia fazer o mesmo. Se eu tivesse o necessário capital, e a respectiva licença do governo federal, formaria uma concentração de índios para manter puro um pequeno número de indivíduos da raça original brasileira.**

As fotografias juntas mostram: O grupo de índios Atché, que mantenho na minha propriedade, no Rio Grande do Sul, faltando três mulheres, que no momento de tirar a fotografia, tinham-se ausentado com minha senhora. O índio de barba, ao meu lado, é Caya-mini-gy, o primeiro Atché que encontrei. A menina entre os dois índios é Nday-gy (Borboleta), que fala

alem de atché, o português e o alemão. A fotografia foi tirada durante a construção da casa, onde concentro estes índios de raça pura. Como não pretendia demorar-me em São Paulo, não trouxe comigo meus trabalhos sobre Etnologia indígena, medicina indígena e observações de meteorologia nos sertões brasileiros. Mandei buscá-los porem, e depois de organizá-los, terei o maior prazer de oferecer meus trabalhos ao egrégio Instituto Histórico e Geográfico, junto com grande material fotográfico.